

PLANO DE AULA

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE
SETOR DE PLANEJAMENTO
PLANO DE AULA Nº 4
CICLO: PRÉ-JUVENTUDE (13 E 14 ANOS)

IV UNIDADE: O CRISTIANISMO

SUBUNIDADE: Missão dos Evangelistas.
Vida de Paulo: alguns de seus ensinamentos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
<p>* Inteirar-se acerca da missão dos quatro evangelistas.</p> <p>* Relatar algumas partes da vida de Paulo de Tarso. Reportar-se a alguns de seus ensinamentos.</p>	<p>* Os quatro evangelistas: Marcos, Mateus, Lucas e João e os apóstolos Paulo e Pedro deixaram por escrito (Novo Testamento) informações fundamentais sobre a vida e os ensinamentos de Jesus.</p> <p>* A vida e a obra de Paulo de Tarso são o exemplo vivo de que podemos passar do erro para a verdade e de que sempre é possível transformar enganos em acertos, durante a nossa jornada na Terra.</p> <p>* É importante conhecer e vivenciar os ensinamentos contidos nos Evangelhos, pois são eles os caminhos que devemos trilhar para</p>	<p>* Iniciar a aula, mostrando um volume do Novo Testamento. Ler o título para os alunos, caso tenham dificuldades de leitura, e informá-los de que esse livro tem ensinamentos preciosos e atuais, embora tenha sido escrito há 20 séculos (2 mil anos).</p> <p>* Dar oportunidade aos evangelizandos para que façam perguntas sobre o assunto.</p> <p>* Relatar sucintamente algumas características dos quatro evangelistas, contidas no anexos 1 e 2 — Subsídios para o Evangelizador.</p> <p>* A seguir, sempre procurando distinguir nomes e fatos, para evitar confusões, relatar a vida de Paulo, valendo-se das ilustrações e dos subsídios, contidos nos anexos 3 e 4.</p>	<p>* Ouvir as explicações iniciais.</p> <p>* Valer-se das oportunidades que lhe dá o Evangelizador e fazer perguntas.</p> <p>* Participar da narrativa do Evangelizador, fazendo perguntas.</p>	<p>TÉCNICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> * Exposição participativa. * Narrativa. * Perguntas e respostas. <p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> * Jogo didático. * Canto.

AValiação: A AULA SERÁ CONSIDERADA SATISFATÓRIA SE OS EVANGELIZANDOS PARTICIPAREM DAS ATIVIDADES COM ATENÇÃO E INTERESSE E FOREM CAPAZES DE COMENTAR ALGUNS DOS ENSINOS DE PAULO, CONTIDOS NAS SUAS EPÍSTOLAS.

CONT. DO PLANO DE AULA Nº. 4 DA IV UNIDADE: O CRISTIANISMO

PRÉ-JUVENTUDE

OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
<p>alcançar o progresso espiritual. E, em razão dessa afirmativa, não se pode esquecer a obra dos evangelistas, considerados por muitos, como "médiuns historiadores", sem os quais, possivelmente, os ensinamentos de Jesus se teriam perdido no tempo.</p> <p>* O Novo Testamento é um legado de extrema importância para todos. Consiste em 27 livros, a saber:</p> <p>a) os quatro Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João – conjunto dos atos e das palavras do Cristo;</p> <p>b) os Atos dos Apóstolos;</p> <p>c) as epístolas ou cartas, em números de 21, escritas por Paulo (14), João (3), Pedro (2), Judas (1) e Tiago (1);</p> <p>d) o Apocalipse ou Livro da Revelação, escrito por João.</p>	<p>* Propor, em continuação, uma atividade que desenvolva, no primeiro momento, a memória e a atenção e, depois, o raciocínio.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ ler, pausadamente, um a um, alguns versículos das epístolas de Paulo; ◆ pedir aos alunos que as repetam (uma de cada vez) e as interpretem; ◆ para tornar mais dinâmico o trabalho, poderá dividir a turma em dois grupos e dirigir as perguntas ora a um, ora a outro grupo (Anexo 4). <p>* A seguir, sugerir uma atividade de fixação intitulada "Caixinha de Perguntas" (Anexo 5).</p> <p>* Encerrar a aula, cantando a música Caridade (Anexo 3 - Plano de aula 3).</p>	<p>* Atender às solicitações do Evangelizador com interesse e animação.</p> <p>* Responder e/ou fazer perguntas.</p> <p>* Cantar com alegria</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;"> <p>O Evangelizador deverá ler atentamente os subúncios a ele destinados, para ele condições de se- lecionar o que mais convém aos seus evangelizando.</p> </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>O Evangelizador deverá estar atento à participação dos alunos, em todos os momentos da aula.</p> </div>	

ANEXO 1

IV UNIDADE: O CRISTIANISMO
PRÉ-JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 4
SUBSÍDIO PARA O EVANGELIZADOR

A EDIFICAÇÃO CRISTÃ

OS PRIMEIROS CRISTÃOS

Atingindo um período de nova compreensão concernente aos mais graves problemas da vida, a sociedade da época sentia de perto a insuficiência das escolas filosóficas conhecidas, no propósito de solucionar as suas grandes questões. A idéia de uma justiça mais perfeita para as classes oprimidas tornara-se assunto obsidente para as massas anônimas e sofredoras.

Em virtude dos seus postulados sublimes de fraternidade, a lição do Cristo representava o asilo de todos os desesperados e de todos os tristes. As multidões dos aflitos pareciam ouvir aquela misericordiosa exortação: — *“Vinde a mim, vós todos que sofreis e tendes fome de justiça e eu vos aliviarei”* — e da cruz chegava-lhes, ainda, o alento de uma esperança desconhecida.

A recordação dos exemplos do Mestre não se restringia aos povos da Judéia, que lhe ouviram diretamente os ensinamentos imorredouros. Numerosos centuriões e cidadãos romanos conheceram pessoalmente os fatos culminantes das pregações do Salvador. Em toda a Ásia Menor, na Grécia, na África e mesmo nas Gálias, como em Roma, falava-se dEle, da sua filosofia nova que abraçava todos os infelizes, cheia das claridades sacrosantas do reino de Deus e da sua justiça. Sua doutrina de perdão e de amor trazia nova luz aos corações e os seus seguidores destacavam-se do ambiente corrupto do tempo, pela pureza de costumes e por uma conduta retilínea e exemplar.

A princípio, as autoridades do Império não ligaram maior importância à doutrina nascente, mas os Apóstolos ensinavam que, por Jesus-Cristo, não mais poderia haver diferença entre os livres e os escravos, entre patricios e plebeus, porque todos eram irmãos, filhos do mesmo Deus. O patriciado não podia ver com bons olhos semelhantes doutrinas. Os cristãos foram acusados de feiticeiros e heréticos, iniciando-se o martirologio com os primeiros editos de proscricção. O Estado não permitia outras associações independentes, além daquelas consideradas como cooperativas funerárias e, aproveitando essa exceção, os seguidores do Crucificado começaram os famosos movimentos das catacumbas.

A PROPAGAÇÃO DO CRISTIANISMO

Na Judéia cresce, então, o número dos prosélitos da nova crença. O hino de esperanças da manjedoura e do calvário espalha nas almas um suave e eterno perfume. E' assim que os Apóstolos, cuja tarefa o Cristo abençoara com sua misericórdia, espalham as claridades da Boa Nova por toda a parte, repartindo o pão milagroso da fé com todos os famintos do coração.

A doutrina do Crucificado propaga-se com a rapidez do relâmpago.

Fala-se dela, tanto em Roma como nas Gálias e no norte da África. Surgem os advogados e os detratores. Os prosélitos mais eminentes buscam doutrinar, disseminando as idéias e interpretações. As primeiras igrejas surgem ao pé de ca-

da Apóstolo, ou de cada discípulo mais destacado e estudioso.

A centralização e a unidade do Império Romano facilitaram o deslocamento dos novos missionários, que podiam levar a palavra de fé ao mais obscuro recanto do globo, sem as exigências e os obstáculos das fronteiras.

Doutrina alguma alcançara no mundo semelhante posição, em face da preferência das massas. E' que o Divino Mestre selara com exemplos as palavras de suas lições imorredouras.

Maior revolucionário de todas as épocas, não empunhou outra arma além daquelas que significam amor e tolerância, educação e aclaramento. Condenou todas as hipocrisias, insurgiu-se contra todas as violências oficializadas, ensinando simultaneamente aos discípulos o amor incondicional à ordem, ao trabalho e à paz construtiva. E' por essa razão que os Evangelhos constituem o livro da Humanidade, por excelência. Sua simplicidade e singeleza transparecem na tradução de todas as línguas da Terra, prendendo a alma dos homens entre as luzes do Céu, ao encanto suave de suas narrativas.

A REDAÇÃO DOS TEXTOS DEFINITIVOS

Nesse tempo, quando a guerra formidável da crítica procurava minar o edifício imortal da nova doutrina, os mensageiros do Cristo presidem à redação dos textos definitivos, com vistas ao futuro, não somente junto aos Apóstolos e seus discípulos, mas igualmente junto aos núcleos das tradições. Os cristãos mais destacados trocam, entre si, cartas de alto valor doutrinário para as diversas igrejas. São mensagens de fraternidade e de amor, que a posteridade muita vez não pôde ou não quis compreender.

Muitas escolas literárias se formaram nos últimos séculos, dentro da crítica histórica, para o estudo e elucidação desses documentos. A palavra "apócrifo" ge-

neralizou-se como o espantalho de todo o mundo. Histórias numerosas foram escritas. Hipóteses incontáveis foram aventadas, mas os sábios materialistas, no estudo das idéias religiosas, não puderam sentir que a intuição está acima da razão e, ainda uma vez, falharam, em sua maioria, na exposição dos princípios e na apresentação das grandes figuras do Cristianismo.

A grandeza da doutrina não reside na circunstância de o Evangelho ser de Marcos ou de Mateus, de Lucas ou de João; está na beleza imortal que se irradia de suas lições divinas, atravessando as idades e atraindo os corações. Não há vantagem nas longas discussões quanto à autenticidade de uma carta de Inácio de Antioquia ou de Paulo de Tarso, quando o raciocínio absoluto não possui elementos para a prova concludente e necessária. A opinião geral rodopiará em torno do crítico mais eminente, segundo as convenções. Todavia, a autoridade literária não poderá apresentar a equação matemática do assunto. E' que, portas a dentro do coração, só a essência deve prevalecer para as almas e, em se tratando das conquistas sublimadas da fé, a intuição tem de marchar à frente da razão, preludiando generosos e definitivos conhecimentos.

A MISSÃO DE PAULO

No trabalho de redação dos Evangelhos, que constituem, sem dúvida, o portentoso alicerce do Cristianismo, verificavam-se, nessa época, algumas dificuldades para que se lhes desse o precioso caráter universalista.

Todos os Apóstolos do Mestre haviam saído do teatro humilde de seus gloriosos ensinamentos; mas, se esses pescadores valorosos eram elevados Espíritos em missão, precisamos considerar que eles estavam muito longe da situação de espiritualidade do Mestre, sofrendo as influências do meio a que foram conduzidos. Tão logo se verificou o regresso do Cordeiro às regiões da Luz, a comunidade

cristã, de modo geral, começou a sofrer a influência do judaísmo, e quase todos os núcleos organizados, da doutrina, pretenderam guardar feição aristocrática, em face das novas igrejas e associações que se fundavam nos mais diversos pontos do mundo.

E' então que Jesus resolve chamar o espírito luminoso e enérgico de Paulo de Tarso ao exercício do seu ministério. Essa deliberação foi um acontecimento dos mais significativos na história do Cristianismo. As ações e as epístolas de Paulo tornam-se poderoso elemento de universalização da nova doutrina. De cidade em cidade, de igreja em igreja, o convertido de Damasco, com o seu enorme prestígio, fala do Mestre, inflamando os corações. A princípio, estabelece-se entre ele e os demais Apóstolos uma pe-

nosa situação de incompreensibilidade, mas sua influência providencial teve por fim evitar uma aristocracia injustificável dentro da comunidade cristã, nos seus tempos inesquecíveis de simplicidade e pureza.

O ROTEIRO DE LUZ E DE AMOR

Mas, voltemos aos nossos propósitos, cumprindo-nos reconhecer nos Evangelhos uma luz maravilhosa e divina, que o escoar incessante dos séculos só tem podido avivar e reacender. E' que eles guardam a súpula de todos os compêndios de paz e de verdade para a vida dos homens, constituindo o roteiro de luz e de amor, através do qual todas as almas podem ascender às luminosas montanhas da sabedoria dos Céus.

* * *

ANEXO 2

IV UNIDADE: O CRISTIANISMO
PRÉ-JUVENTUDE
PLANO DE AULA N.º 4
SUBSÍDIOS PARA O EVANGELIZADOR

OS EVANGELISTAS

MATEUS

Mateus foi um dos doze Apóstolos e um dos quatro evangelistas. Nasceu na Galiléia. Chamava-se Levi e era publicano (coletor dos dinheiros públicos, entre os antigos romanos).

"Um dia estava ele no exercício de suas funções, na coletoria, quando Jesus ao passar com uma grande multidão, viu-o sentado na rebedoria, e disse-lhe: segue-me."

"E ele, deixando tudo, levantou-se e O seguiu. Logo após, Levi ofereceu a Jesus um grande banquete em sua casa".

Os sacerdotes não viram com bons olhos a conversão daquele homem que representava um cargo oficial. E sabendo que no banquete havia muitos publicanos e ainda outras pessoas, enviaram escribas e fariseus, que inquiriram do Mestre: "*Por que comeis e bebeis com publicanos e pecadores?*"

Jesus respondeu-lhes: "*Não precisam de médico os que estão sãos, mas sim os que estão enfermos; eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores ao arrependimento*".

Os publicanos, conquanto gente de representação oficial, eram mal vistos pelo povo, pois julgavam que extorquiam dinheiro dos contribuintes, por isso se enriqueciam. (...)

Mateus era publicano e se tornou um dos Apóstolos, mas se conservou na obscuridade enquanto o Cristo estava na Terra. Só depois da ascensão e descida do Espírito no Cenáculo, ele entrou em ação: pregava na Judéia e nos países vizinhos, até a dispersão dos Apóstolos, aproveitando os momentos de folga para escrever o seu Evangelho. Depois, dizem haver partido para o Oriente, pregando a nova Doutrina na Pérsia e na Etiópia. (3).

LUCAS

O Evangelista Lucas, foi um dos grandes discípulos de Paulo. Nascido na Antióquia, exercia a medicina e afirmam ter sido um bom artista. Daí o haverem-no escolhido os médicos por seu Patrono. Mas o principal de Lucas não é ter sido médico, mas sim um grande Apóstolo do Cristianismo nascente. Pelo seu Evangelho e Atos, vê-se que era um homem ilustrado, de vistas largas, pois bem interpretava o movimento de reforma religiosa que se operou em seu tempo, movimento que mereceu todo o seu auxilio prestado à causa Cristã com rara abnegação.

Foram unicamente estes os dados mais acertados que conseguimos obter sobre tão ilustre personalidade, que assinalou sua passagem pela Terra como um super-homem, entidade dotada, pelo que se vê, de faculdades admiráveis que eram as insígnias de tão ilustre quão elevado Espírito. (1)

JOÃO EVANGELISTA

A ação de João Evangelista foi das mais eficazes no Apostolado. Homem de grande erudição tal como se depara do seu Evangelho, que começa com ênfase e o entusiasmo que o fervor da fé o arrebatou: *"No princípio era Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus"*, foi um dos doze Apóstolos escolhidos por Jesus para levar às gentes a sua palavra.

João era irmão de Tiago maior, pescador como ele, e estava a concertar suas redes quando o Mestre lhe disse que o seguisse. Daí em diante sempre acompanhou e esteve com o Nazareno até o seu comparecimento no tribunal que lavrou a sua condenação, bem como até à morte de Jesus. Depois da morte do Senhor, ele se encarregou de cuidar de Maria, mãe de Jesus.

Samaria, Jerusalém e Ásia Menor foram sucessivamente teatro do seu apostolado. Desterrado depois para a ilha de Patmos, uma da Sporades, teve visões que referiu no seu Apocalipse. O seu Evangelho, bem como suas três Epístolas, que foram escritas em grego, a nosso ver, são livros importantíssimos, indispensáveis de serem estudados com o máximo critério.

João desencarnou já bem velho, e diz-se que ultimamente não pregava mais. Quando comparecia a qualquer reunião de discípulos a sua palavra se limitava ao *"Amai-vos uns aos outros"*. O que levou os seus discípulos a lhe perguntarem, porque repetia sempre a mesma coisa? Ele respondia: *"Porque é preceito do Senhor"*. (..)

João Evangelista (*) foi um grande Apóstolo que soube definir, na verdade, o Cristianismo. O grande Evangelista foi para o Espiritismo, o que Joel e demais profetas foram para o Cristianismo. No seu Evangelho, cap. XIV, XV e XVI ele transcreveu textualmente a promessa de Jesus sobre a manifestação dos Espíritos, que constituem a falange poderosa da Verdade e da Consolação que vêm transformar o mundo, e realmente já deram começo a essa ascensão espiritual dos homens.

Bendito seja João, o Apóstolo amado de Jesus, e que ele nos auxilie a cumprir a vontade do grande Mestre. (2)

(*) Leia * *Interpretação Sintética do Apocalipse*, do mesmo autor

M A R C O S

Quem será o Apóstolo Marcos? Para nós é uma grande personalidade, uma figura saliente no Cristianismo; saliente e humilde, humilde e cheio de energia, de poder e de vontade.

Nos Evangelhos nada poderemos recolher de Marcos, a não ser o Evangelho de sua autoria. Sua genealogia é desconhecida! Parece um desses indivíduos que, ligados estreitamente às coisas do Céu, timbram em se mostrar sem títulos, sem estirpe e até sem nome, ou com um nome que lhe é peculiar, mas que não é o nome dado por família.

Ele quer ser um anônimo, um desconhecido, mas que somente seja conhecido por suas obras para que não lhe pertença a verdadeira honra e glória, mas sim ao seu e nosso Mestre Jesus.

Os livros sagrados, as enciclopédias, tratam Marcos como um indivíduo quase desconhecido, e entretanto, até hoje, as suas Mensagens espíritas repercutem aos quatro cantos do globo, como clarins e anunciar a alvorada do grande Dia do Senhor. (...)

Pelas Epístolas de Paulo, vê-se que Marcos foi um grande. Quando Paulo, da sua prisão em Roma, expediu epístolas aos Colossenses e a Filemon, lembra que Marcos é seu companheiro. Paulo diz que somente três judeus em Roma lhe eram fiéis, sendo Marcos um deles, não mais como ajudante, mas como cooperador do Evangelho.

Na carta dirigida a Timóteo, Paulo diz que Marcos é seu leal companheiro.

Enfim, Marcos cooperou também com Pedro no trabalho espiritual. Muitos escritores chamam a Marcos, o intérprete de Pedro. (...)

(4)

* * *

1. SCHUTEL, Cairbar. Vida e atos dos Apóstolos. 7. ed. Matão, SP: O Clarim, 1981. p.2

2. __. p. 76, 79-80

3. __. p. 251, 253.

4. __. p. 263-5

ANEXO 3

IV UNIDADE: O CRISTIANISMO
PRÉ-JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 4
SUBSÍDIOS PARA O EVANGELIZADOR

O APÓSTOLO PAULO

"Saulo, respirando ainda ameaças e morte, contra os discípulos do Senhor dirigiu-se ao sumo sacerdote, e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que fossem do Caminho, tanto homens como mulheres, os levasse presos a Jerusalém. Caminhando ele, ao aproximar-se de Damasco, subitamente resplandeceu em redor dele uma luz do céu; e caindo em terra, ouviu uma voz dizer-lhe: Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? Respondeu Ele: Eu sou Jesus a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, e dir-te-ão o que te é necessário fazer. Os homens que viajavam com ele, pararam, emudecidos, ouvindo sim a voz, mas sem ver a ninguém. Levantou-se Saulo da terra e, abrindo os olhos, nada viu; e guiando-o pela mão, conduziram-no a Damasco. E esteve três dias sem ver e não comeu nem bebeu. — Cap. IX, v.v. 1-9.

Saulo nasceu em Tarso, na Cilícia e pertencia a uma família de Judeus da seita farisaica. Foi educado em Jerusalém, sendo discípulo de Gamaliel, havendo também aprendido o ofício de tecelão, segundo o preceito da lei judaica, que impunha a todos os doutores da lei a obrigação de saberem um ofício.

Saulo, era um moço vigoroso, de espírito forte. Por ocasião da luta entre os judeus que se conservavam fiéis aos preceitos do sacerdotalismo e os primitivos cristãos, Saulo entrou em ação forte contra estes, distinguindo-se pela sua coragem e papel saliente que desempenhava na ofensiva contra os discípulos de Jesus.

Certo dia, ele dirigiu-se ao sumo sacerdote e solicitou cartas para os padres de Damasco que dirigiam as Sinagogas (Igrejas).

O pontífice imediatamente acedeu ao pedido, e partiu instantaneamente em direção a Damasco, unido a alguns companheiros, o jovem doutor que, como diz o capítulo dos Atos, respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor.

Foi justamente ao aproximar-se de Damasco que o sublime Espírito que fundara o Cristianismo, no desempenho de sua excelsa missão, julgando apta aquela grande personalidade para colaborar na grande causa da redenção humana, vibra sobre ela a sua luz fulgente e brada em tom severo, mas verdadeiramente paternal: "**Saulo, Saulo, por que me persegues?**"?

Este apelo penetrou súbito no coração do inimigo gratuito daquele que dentre poucos dias seria o seu maior amigo, o seu maior protetor e até a sua própria vida!

Mas o moço Saulo não se deixou levar unicamente pelas ânsias regeneradoras que transformavam o seu coração. Ele ergueu-se em sua lucidez racionalista, e retorquiu: "**Quem és tu, Senhor?**". A voz se fez ouvir novamente: "**Eu sou Jesus a quem tu persegues, mas levanta-te e entra na cidade, e dir-te-ão o que é necessário fazer**".

Estava feito o trabalho do Espírito; estava demonstrada a imortalidade da alma; estava estabelecida a comunicação de Jesus, com aquele que viria a ser dentro em pouco o seu grande intermediário, para levar a gentios e a judeus a Nova Fé, que os viria libertar do cativeiro sacerdotal. (...)" (1)

"(...) Em dado instante, todavia, quando mal despertara das angustiosas cogitações, sente-se envolvido por luzes diferentes da tonalidade solar. Tem a impressão de que o ar se fende como uma cortina, sob pressão invisível e poderosa. Intimamente, considera-se presa de inesperada vertigem, após o esforço mental, persistente e doloroso. Quer voltar-se, pedir o socorro dos companheiros, mas não os vê, apesar da possibilidade de suplicar o auxílio.

— Jacob!... Demétrio!... Socorram-me!... — grita desesperadamente.

Mas a confusão dos sentidos lhe tira a noção de equilíbrio e tomba do animal, ao desamparo, sobre a areia ardente. A visão, no entanto, parece dilatar-se ao infinito. Outra luz lhe banha os olhos deslumbrados, e no caminho, que a atmosfera rasgada lhe desvenda, vê surgir a figura de um homem de majestática beleza, dando-lhe a impressão de que descia do céu ao seu encontro. Sua túnica era feita de pontos luminosos, os cabelos tocavam nos ombros, à nazarena, os olhos magnéticos, imanados de simpatia e de amor, iluminando a fisionomia grave e terna, onde pairava uma divina tristeza.

O doutor de Tarso contemplava-o com espanto profundo, e foi quando, numa inflexão de voz inesquecível, o desconhecido se fez ouvir:

Saulo!... Saulo!... por que me persegues?

O moço tarsense não sabia que estava instintivamente de joelhos. Sem poder definir o que se passava, comprimiu o coração numa atitude desesperada. Incoercível sentimento de veneração apossou-se inteiramente dele. Que significava aquilo? De quem o vulto divino que entrevia no painel do firmamento aberto e cuja presença lhe inundava o coração precipite de emoções desconhecidas?

Enquanto os companheiros cercavam o jovem genuflexo, sem nada ouvirem nem verem, não obstante haverem percebido, a princípio, uma grande luz no alto, Saulo interrogava em voz trêmula e receosa:

— Quem sois vós, Senhor?

Aureolado de uma luz balsâmica e num tom de inconcebível doçura, o Senhor respondeu:

— Eu sou Jesus!...

Então, viu-se o orgulhoso e inflexível doutor da Lei curvar-se para o solo, em pranto convulsivo. Dir-se-ia que o apaixonado rabino de Jerusalém fora ferido de morte, experimentando num momento a derrocada de todos os princípios que lhe conformaram o espírito e o nortearam, até então, na vida. Diante dos olhos tinha, agora, e assim, aquele Cristo magnânimo e incompreendido! Os pregadores do "Caminho" não estavam iludidos! A palavra de Estêvão era a verdade pura! A crença de Abigail era a senda real. Aquele era o Messias! A história maravilhosa da sua ressurreição não era um recurso lendário para fortificar as energias do povo. Sim, ele, Saulo, via-o ali no esplendor de suas glórias divinas! E que amor deveria animar-lhe o coração cheio de augusta misericórdia, para vir encontrá-lo nas estradas desertas, a ele, Saulo, que se arvorara em perseguidor implacável dos discípulos mais fiéis!... Na expressão de sinceridade da sua alma ardente, considerou tudo isso na fugacidade de um minuto. Experimentou invencível vergonha do seu passado cruel. Uma torrente de lágrimas impetuosas lavava-lhe o coração. Quis falar, penitenciar-se, clamar suas infindas desilusões, protestar fidelidade e dedicação ao Messias de Nazaré, mas a contrição sincera do espírito arrependido e dilacerado embargava-lhe a voz.

Foi quando notou que Jesus se aproximava e, contemplando-o carinhosamente, o Mestre tocou-lhe os ombros com ternura, dizendo com inflexão paternal:

— Não recalcitres contra os agulhões!...

Saulo compreendeu. Desde o primeiro encontro com Estêvão, forças profundas o compeliavam a cada momento, e em qualquer parte, à meditação dos novos ensinamentos. O Cristo chamara-o por todos os meios e de todos os modos.

Sem que pudesse entender a grandeza divina daquele instante, os companheiros de viagem viram-no chorar mais copiosamente.

O moço de Tarso soluçava. Ante a expressão doce e persuasiva do Messias Nazareno, considerava o tempo perdido em caminhos escabrosos e ingratos. Doravante necessitava reformar o patrimônio dos pensamentos mais íntimos; a visão de Jesus ressuscitado, aos seus olhos mortais, renovava-lhe integralmente as concepções religiosas. Certo, o Salvador apiedara-se de seu coração leal e sincero, consagrado ao serviço da Lei, e descera da sua glória estendendo-lhe as mãos divinas. Ele, Saulo, era a ovelha perdida no resvaladouro das teorias escaldantes e destruidoras. Jesus era o Pastor amigo que se dignava fechar os olhos para os espinheiros ingratos, a fim de salvá-lo carinhosamente. Num ápice, o jovem rabino considerou a extensão daquele gesto de amor. As lágrimas brotaram-lhe do coração amargurado, como a linfa pura, de uma fonte desconhecida. Ali mesmo, no santuário augusto do espírito, fez o protesto de entregar-se a Jesus para sempre. Recordou, de súbito, as provações rígidas e dolorosas. A idéia de um lar morrera com Abigail. Sentia-se só e acabrunhado. Doravante, porém, entregar-se-ia ao Cristo, como simples escravo do seu amor. E tudo envidaria para provar-lhe que sabia compreender o seu sacrifício, amparando-o na senda escura das iniquidades humanas, naquele instante decisivo do seu destino. Banhado em pranto, como nunca lhe acontecera na vida, fez, ali mesmo, sob o olhar assombrado dos companheiros e ao calor escaldante do meio-dia, a sua primeira profissão de fé.

— Senhor, que quereis que eu faça?

Aquela alma resoluta, mesmo no transe de uma capitulação incondicional, humilhada e ferida em seus princípios mais estimáveis, dava mostras de sua nobreza e lealdade. Encontrando a revelação maior, em face do amor que Jesus lhe demonstrava solícito, Saulo de Tarso não escolhe tarefas para servi-lo, na renovação de seus esforços de homem. Entregando-se-lhe de alma e corpo, como se fora ínfimo servo, interroga com humildade o que desejava o Mestre da sua cooperação.

Foi aí que Jesus, contemplando-o mais amorosamente e dando-lhe a entender a necessidade de os homens se harmonizarem no trabalho comum da edificação de todos, no amor universal, em seu nome, esclareceu generosamente:

— Levanta-te, Saulo! Entra na cidade e lá te será dito o que te convém fazer!.....

Então, o moço tarsense não mais percebeu o vulto amável, guardando a impressão de estar mergulhado num mar de sombras. Prosternado, continuava chorando, causando piedade aos companheiros. Esfregou os olhos como se desejasse rasgar o véu que lhe obscurecia a vista, mas só conseguia tatear no seio das trevas densas. Aos poucos, começou a perceber a presença dos amigos, que pareciam comentar a situação:

— Afinal, Jacob — dizia um deles, evidenciando grande preocupação —, que faremos agora?

— Acho bom — respondia o interpelado — enviarmos Jonas a Damasco, requisitando providências imediatas.

— Mas, que se teria passado? — perguntava o velho respeitável que respondia por Jonas.

— Não sei bem — esclarecia Jacob impressionado —, a princípio, notei intensa luz nos céus e, logo em seguida, ouvi que ele pedia socorro. Nem tive tempo de atender, porque, no mesmo instante, ele caiu do animal, sem poder esperar qualquer recurso.

— O que me preocupa — ponderava Demétrio — é esse diálogo com as sombras. Com quem conversara ele? Se lhe escutamos a voz e não vemos ninguém, que se passara aqui, nesta hora, sem que possamos compreender?

— Mas não percebes que o chefe está em delírio? — objetou Jacob prudentemente — as grandes viagens, com o sol causticante, costumam abater as organizações mais resis-

tentes. Além disso, como vimos, desde a manhã, ele parece acabrunhado e doente. Não se alimentou, enfraqueceu-se com o esforço destes dias tão longos, que vimos atravessando, desde Jerusalém, com grande sacrifício. A meu ver — concluía abanando a cabeça entristecido — trata-se de um desses casos de febres que atacam repentinamente no deserto...

O velho Jonas, no entanto, de olhos arregalados, fixava o rabino soluçante, com grande admiração. Depois de ouvir a opinião dos companheiros, falou, receoso, como se temesse ofender alguma entidade desconhecida:

— Tenho grande experiência destas marchas com o sol a pino. Gastei a mocidade conduzindo camelos através dos desertos da Arábia. Mas, nunca vi um doente, nesses lugares, com estas características — a febre dos que caem extenuados no caminho não se manifesta com delírio e com lágrimas. O enfermo cai abatido, sem reações. Aqui, porém, observamos o patrão como se estivesse a conversar com um homem invisível para nós. Reluto em aceitar essa hipótese, mas estou desconfiado de que, em tudo isso, haja sinal dos sortilégios do "Caminho". Os seguidores do carpinteiro sabem processos mágicos que estamos longe de compreender. Não ignoramos que o doutor se consagrou à tarefa de persegui-los onde se encontrem. Quem sabe planejaram contra ele alguma vingança cruel? Ofereci-me para vir a Damasco, a fim de fugir dos meus parentes, que parecem seduzidos por essas doutrinas novas. Onde já se viu curar a cegueira de alguém com a simples imposição das mãos? Entretanto, meu irmão curou-se com o famoso Simão Pedro. Só a feitiçaria, a meu ver, esclarecerá essas coisas. Vendo tantos fatos misteriosos, em minha própria casa, tive medo de Satanás e fugi.

Recolhido em si próprio, surpreendido no meio das trevas densas que o envolviam, Saulo escutou os comentários dos amigos, experimentando grande abatimento, como se voltasse exausto e cego, de uma imensa derrota.

Limpando as lágrimas, chamou um deles com profunda humildade. Acudiram todos solícitamente.

— Que aconteceu? — perguntou Jacob preocupado e ansioso. — Estamos aflitos por vossa causa. Estais doente, Senhor? ... Providenciaremos o que julgardes necessário...

Saulo fez um gesto triste e acrescentou:

— Estou cego.

— Mas que foi? — perguntou o outro inquieto.

— Eu vi Jesus Nazareno! — disse contrito, inteiramente modificado.

Jonas fez um sinal significativo, como a afirmar aos companheiros que tinha razão, entreolhando-se todos muito admirados. Entenderam, de modo instintivo, que o jovem rabino se havia perturbado. Jacob, que era pessoa de sua intimidade, tomou a iniciativa das primeiras providências e acentuou:

— Senhor, lamentamos vossa enfermidade. Precisamos resolver quanto ao destino da caravana.

O doutor de Tarso, entretanto, revelando uma humildade que jamais se coadunara com seu feitio dominador, deixou cair uma lágrima e respondeu com profunda tristeza:

— Jacob, não te preocupes comigo... Relativamente ao que me cumpre fazer, preciso chegar a Damasco, sem demora. Quanto a vocês... — e a voz reticenciosa quebrantara-se dolorosamente, como premida de grande angústia, para concluir em tom amargo —, façam como quiserem, pois, até agora, vocês eram meus servos, mas, de ora em diante, eu também sou escravo, não mais me pertenço a mim mesmo.

Ante aquela voz humilde e triste, Jacob começou a chorar. Tinha plena convicção de que Saulo enlouquecera. Chamou os dois companheiros à parte e explicou:

— Vocês voltarão para Jerusalém com a triste nova, enquanto me dirijo à cidade próxima, com o doutor, a providenciar da melhor forma. Levá-lo-ei aos seus amigos e buscaremos o socorro de algum médico... Noto-o extremamente perturbado...

O jovem rabino cientificou-se das deliberações quase sem surpresa. Conformou-se passivamente com a resolução do servo. Naquela hora, submerso em trevas densas e profundas, tinha a imaginação repleta de conjeturas transcendentais. A cegueira súbita não o afligia. Do âmbito daquela escuridão que lhe enchia os olhos da carne, parecia emergir o vulto radioso de Jesus, aos seus olhos de Espírito. Era justo que cessassem as suas percepções visuais, a fim de conservar, para sempre, a lembrança do glorioso minuto de sua transformação para uma vida mais sublime.

Saulo recebeu as observações de Jacob, com a humildade de uma criança. Sem uma queixa, sem resistência, ouviu o trotar da caravana que regressava, enquanto o velho servidor lhe oferecia o braço amigo, tomado de infinitos receios.

Com o pranto a escorrer dos olhos inexpressivos, como perdidos nalguma visão indecifrável no vácuo, o orgulhoso doutor de Tarso, guiado por Jacob, seguiu a pé, sob o sol ardente das primeiras horas da tarde.

Comovido pelas bênçãos que recebera das esferas mais elevadas da vida, Saulo chorava como nunca. Estava cego e separado dos seus. Dolorosas angústias represavam-se-lhe no coração oprimido. Mas a visão do Cristo redivivo, sua palavra inesquecível, sua expressão de amor lhe estavam presentes na alma transformada. Jesus era o Senhor, inacessível à morte. Ele orientaria os seus passos no caminho, dar-lhe-ia novas ordens, secaria as chagas da vaidade e do orgulho que lhe corroíam o coração; sobretudo, conceder-lhe-ia forças para reparar os erros dos seus dias de ilusão.

Impressionado e triste, Jacob guiava o chefe amigo, perguntando a si próprio a razão daquele pranto incessante e silencioso.

Envolvido na sombra da cegueira temporária, Saulo não percebeu que os mantos espessos do crepúsculo abraçavam a Natureza. Nuvens escuras precipitavam a queda da noite, enquanto ventos sufocantes sopravam da imensa planície. Difícilmente, acompanhava as passadas de Jacob, que desejava apressar a marcha, receoso da chuva. Coração resoluto e enérgico, não reparava os obstáculos que se antepunham à sua jornada dolorosa. Faltava-lhe a visão, necessitava de um guia; mas Jesus recomendara que entrasse na cidade, onde lhe seria dito o que tinha a fazer. Era preciso obedecer ao Salvador que honrara com as supremas revelações da vida. A passo indecisos, ferindo os pés em cada movimento inseguro, caminharia de qualquer modo para executar as ordens divinas. Era indispensável não observar as dificuldades, era imprescindível não esquecer os fins. Que importava o olhar em trevas, o regresso da caravana a Jerusalém, a penosa caminhada a pé em demanda de Damasco, a falsa suposição dos companheiros a respeito da inolvidável ocorrência, a perda dos títulos honoríficos, o repúdio dos sacerdotes seus amigos, a incompreensão do mundo inteiro, diante do fato culminante do seu destino?

Saulo de Tarso, com a profunda sinceridade que lhe caracterizava as mínimas ações, só queria saber que Deus havia mudado de resolução a seu respeito. Ser-lhe-ia fiel até o fim.

Quando as sombras crepusculares se faziam mais densas, dois homens desconhecidos entravam nos subúrbios da cidade. Embora a ventania afastasse as nuvens tempestuosas na direção do deserto, grossos pingos de chuva caíam, aqui e ali, sobre a poeira ardente das ruas. As janelas das casas residenciais fechavam-se com estrépito.

Damasco podia recordar o jovem tarsense, formoso e triunfador. Conhecia-o nas suas festas mais brilhantes, costumava aplaudi-lo nas sinagogas. Mas, vendo passar na via pública aqueles dois homens cansados e tristes, jamais poderia identificá-lo naquele rapaz que caminhava cambaleante, de olhos mortos..." (2)

* * *

1. SCHÜTEL, Caibar. *Vida e Atos dos Apóstolos*. 7. ed. Matão (SP): O Clarim, 1981. p. 86-7

2. XAVIER, Francisco Cândido. No Caminho de Damasco. *Paulo e Estevão*. 28 ed. Rio[de Janeiro]: FEB, 1995. p. 197-204.

ANEXO 3

IV UNIDADE: O CRISTIANISMO
PRÉ-JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 4
(ILUST. 1)

Saul!... Saul!
Por que me persegues?



ANEXO 3

IV UNIDADE: O CRISTIANISMO
PRÉ-JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 4
(ILUST. 2)



ANEXO 3

IV UNIDADE: O CRISTIANISMO
PRÉ-JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 4
(ILUST. 3)



ANEXO 3

IV UNIDADE: O CRISTIANISMO
PRÉ-JUVENTUDE.
PLANO DE AULA Nº. 4
(ILUST. 4)



O importante trabalho epistolar de Paulo

ANEXO 4

IV UNIDADE: O CRISTIANISMO
PRÉ-JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 4

VERSÍCULOS

1

“Ao servo do Senhor não convém contender”.
— Paulo (II Timóteo, 2:24)

2

“Conserva o modelo das sãs palavras.”
— Paulo (II Timóteo, 1:13)

3

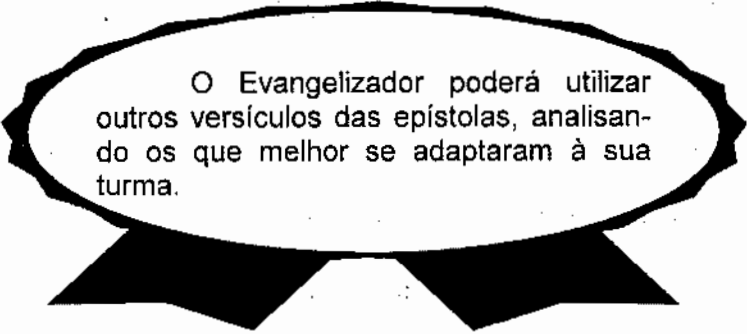
“Não vos enganeis; as más conversações corrompem os bons costumes.” — Paulo (I Coríntios, 15:33)

4

“Sei viver em penúria e sei também viver em abundância.” — Paulo (Filipenses, 4:12)

5

“Todas as vossas coisas sejam feitas com caridade.”
— Paulo (I coríntios, 16:14)



O Evangelizador poderá utilizar outros versículos das epístolas, analisando os que melhor se adaptaram à sua turma.

* * *

ANEXO 5

IV UNIDADE: O CRISTIANISMO
PRÉ-JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 4

CAIXINHA DE PERGUNTAS

- ◆ Uma caixinha de papelão forrada com papel colorido.
- ◆ O Evangelizador recortará cartões numerados (em formatos diferentes) e colocará dentro da caixinha.
- ◆ A caixinha vai passando pelos jovens e ao sinal do Evangelizador (uma palma), ela pára.
- ◆ O jovem que estiver com a caixinha sorteará um cartão e responderá à pergunta correspondente.
- ◆ A atividade poderá ser mantida enquanto houver interesse da turma.

PERGUNTAS

1. Quem foram os Evangelistas?
2. Como se chama o livro que contém as anotações dos Evangelistas?
3. Qual o nome dos Evangelistas?
4. Que fazia Mateus antes de conhecer o Cristo?
5. Qual era a profissão de Lucas?
6. Qual dos apóstolos se encarregou de cuidar da mãe de Jesus?
7. Marcos trabalhou mais diretamente com os apóstolos?
8. Em que cidade começou a missão de Saulo?
9. Onde nasceu Saulo?
10. Que nome Saulo adotou após sua conversão?
11. Narre em poucas palavras a conversão de Saulo.